

CONSTRUÇÕES TUMULARES E REPRESENTAÇÕES DE ALTERIDADE: MATERIALIDADE E SIMBOLISMO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO JOSÉ, PONTA GROSSA/PR/BR, 1881-2011

Maristela Carneiro (UFG)¹⁹³

A gente não é de um lugar enquanto não tem um morto
enterrado nele...
(Gabriel García Márquez)

Um homem convidou a Morte para ser madrinha do seu filho. Como oferenda ao afilhado, a Morte decidiu enriquecer o compadre, fazendo dele um médico. Sempre que ele fosse visitar um doente, veria a Morte. Se ela estivesse na cabeceira da cama do enfermo, ele ficaria bem. Caso estivesse nos pés, o caso estaria perdido. Um dia, um príncipe adoeceu e o rei mandou chamar o médico, que ao chegar viu a Morte sentada aos pés da cama. Para não perder a riqueza oferecida pelo rei, mandou os criados virarem a cama e, assim, os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. Assim, a Morte não pôde levar o príncipe.

Um tempo depois, a Morte convidou o compadre para visitá-la, prometendo que o traria de volta para sua casa. Mostrando-lhe um salão de velas acesas, de todos os tamanhos, contou ao compadre que representavam a vida dos homens, e quando se apagassem, os homens morreriam. Ao ver que a sua própria vela estava no fim, o médico soube pela Morte que ele tinha horas de vida, mas que morreria em casa, como prometido. Já na cama, o compadre pediu à Morte para que jurasse que lhe permitiria rezar um Padre-Nosso antes de morrer. A Morte jurou e o compadre então começou a reza, porém, pouco tempo depois, parou, afirmando que demoraria anos para concluir a oração. A Morte foi embora, zangada com a sabedoria do compadre.

Anos depois, quando o médico já estava velhinho, este ia passando pelas suas propriedades, quando notou que os animais haviam furado a cerca e estragado os jardins. Contrariado, exclamou que preferia morrer para não ver uma miséria destas.

¹⁹³ Doutorando em História – UFG. E-mail: maristelacarneiro86@gmail.com.

Não terminou de fechar a boca e foi carregado pela Morte. “*A gente pode enganar a Morte duas vezes, mas na terceira é enganado por ela*” (CASCUDO, 2001, p. 341-343).

“*O Compadre da Morte*” é um conto popular narrado por Câmara Cascudo em “*Contos Tradicionais do Brasil*”, no qual estão reunidos diversos fragmentos da cultura popular nacional, compondo um riquíssimo quadro dos costumes, das crenças e do linguajar brasileiros. Cascudo também escreveu “*O Morto Brasileiro*”, na obra “*Tradição, Ciência do Povo*” (1971, p. 93-105), capítulo no qual apontou que os ritos e as tradições em relação à morte são uma constante em todas as culturas, na qual a especificidade brasileira seria apenas uma variante, criada no bojo da relação cultural entre portugueses, africanos e ameríndios.

Constata-se que a morte, os ritos e tradições em seu entorno são presentes no imaginário sócio-cultural, especialmente pelas incertezas que a certeza da finitude humana acarreta. Ora as pessoas encaram a morte com serenidade, ora com um medo intenso e constante, muitas vezes escondido, mascarado. Não há noções, por mais peculiares ou estranhas que sejam, nas quais as pessoas não estejam preparadas para acreditar com profunda devoção, “*desde que lhes dê um alívio da consciência de que um dia não existirão mais, desde que lhes dê esperança numa forma de vida eterna.*” (ELIAS, 2001, p.12)

A partir dos espaços funerários, privilegiados para a expressão simbólica da morte, esta pesquisa se propõe a investigar a constituição das representações de alteridade nas construções tumulares presentes no Cemitério Municipal São José, desde a sua instituição na cidade de Ponta Grossa (PR/BR), em 1881. Para tanto, privilegiamos os elementos materiais e simbólicos selecionados. Partimos do pressuposto de que a simbologia cemiterial objetiva a expressão ou a transmissão dos valores culturais, para o estabelecimento e reafirmação, ainda que de forma fragmentária, das identidades e relações sociais.

A pluralidade destes valores, expressos pelos espaços funerários e pela arte e história ali contidas, está profundamente relacionada às diferentes maneiras encontradas pelo ser humano para se lidar com a própria morte. Para aprofundarmos esta questão, investigaremos como tais elementos são expressos na distribuição espacial da necrópole e como são demonstrados nos ícones contidos nos túmulos

desta, especialmente no que diz respeito à estatuária e à arquitetura. Entendemos que tais elementos são significativos para a compreensão das representações de alteridade.

Decidimo-nos pela baliza temporal de 1881 até os dias atuais, com destaque para o que se refere aos elementos materiais, considerando-se que a paisagem contemporânea dos cemitérios é fruto da sobreposição de várias camadas de representações construídas. Muitas vezes a “camada” que percebemos é apenas a mais recente (CYMBALISTA, 2002, p. 21). O espaço cemiterial é acrescido diariamente de novas representações – novos sepultamentos, reformas e ampliações nas construções, transferência de concessões, demolições, intervenções em geral.

Em outras palavras, a paisagem do Cemitério Municipal, tal como se encontra atualmente, constitui-se de um conjunto de fragmentos representacionais acumulados ao longo do final do século XIX aos primeiros anos do século XXI, ou seja, de 1881 aos nossos dias. Assim, optamos por trabalhá-lo em sua integridade, de modo a valorizar tais camadas temporais, sobretudo no que diz respeito aos elementos materiais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado, túmulo a túmulo, um levantamento fotográfico, quantitativo e qualitativo dos dados cemiteriais, organizados em fichas catalográficas elaboradas com este fim. Tais dados foram em seguida processados em SIGs – *Sistemas de Informações Geográficas*, para a geração de cartogramas e gráficos a fim de instruir a análise qualitativa, contando com o apoio de outras ferramentas tecnológicas, imprescindíveis para a organização dos dados.¹⁹⁴

Parte-se do pressuposto de que a reflexão sobre o destino dos mortos em nossa sociedade permite a conciliação da rede de relações pessoais em torno dos mesmos e de sua memória. Isso ocorre porque com a finitude os mortos imediatamente passam a ser concebidos como exemplos e orientadores de posições e relações sociais. Para Damatta, vivemos em uma sociedade na qual “os vivos têm relações permanentes com

¹⁹⁴Utilizamos os softwares SPRING 4.3.3 (Português), KOSMOS 0.8.3 e 2.0.1, GVSIG 1.11 e Inkscape 0.48.2. Discutimos a abordagem metodológica no artigo *Sistemas de Informações Geográficas: ferramentas tecnológicas para a pesquisa cemiterial*. Os SIGs – *Sistemas de Informações Geográficas* são uma tecnologia do mundo contemporâneo, que tem como característica principal a capacidade de integração e transformação de dados espaciais, entendidos como a descrição quantitativa e qualitativa dos fenômenos ocorridos no “mundo real” e que têm como premissa a reprodutibilidade, desde que satisfeitas as mesmas condições de coleta. Ao agregarmos valores intelectuais e subjetivos, os dados transformam-se em informações que, além de refletir o grau de reflexão do autor, constituem a base fundamental dos SIGs para a intervenção no meio social. (CARNEIRO, 2011)

os mortos e as almas voltam sistematicamente para pedir e ajudar [...]” (DAMATTA, 1997, p. 146) Em nosso universo, os espíritos retornam para assegurar a continuidade da vida mesmo após a finitude, ou seja, representá-los e cultuá-los colabora para a própria recomposição do sentido da vida para os sobreviventes.

O espaço cemiterial, por conseguinte, é privilegiado para a expressão das práticas identitárias, visto que a individualização das sepulturas e os valores expressos nas mesmas demonstram o desejo de preservar a identidade e a memória dos mortos, servem à demonstração e/ou transmissão dos valores culturais e à própria reconstituição do sentido existencial para os que ficam. Entende-se que o culto aos mortos passa por um filtro de percepção, permitindo que somente os valores considerados essenciais pelos vivos, para a recomposição do sentido da vida, sejam expressos neste espaço, no qual esta pesquisa encontra-se circunscrita.

A continuidade dos mortos é estabelecida por intermédio da memória dos vivos; na pedra são impressos e (re)significados os seus valores, mediados pelo olhar dos sobreviventes. A individualização de cada túmulo, através da arquitetura, escultura, signos e simbologias, por exemplo, é indicativa do desejo de perpetuação existencial: busca-se expressar as particularidades dos mortos nas lápides, para preservar a memória e a personalidade dos mesmos. Constituem-se, desta forma, representações de *alteridade*, nas quais são combinados fragmentos da memória, por intermédio do conjunto simbólico.

Entende-se que estas representações de alteridade nas construções tumulares presentes no Cemitério Municipal São José demonstram não apenas a singularidade dos sepultados, mas também as trajetórias da coletividade na qual estavam inseridos. A leitura destes túmulos permite o vislumbre da multiplicidade de experiências que orientaram sua composição. Investigar as representações de alteridade nos túmulos selecionados pode revelar-nos os diversos espaços e modelos de que se valiam as famílias ou grupos para constituir a si mesmos, além de retratar um tempo que lhes deu essência e personalidade.

No que diz respeito ao modelo de análise simbólica, construímos o mesmo a partir de Borges (2002) e Bellomo (2000), os quais concebem os espaços funerários enquanto privilegiados para a expressão dos elementos sociais e culturais, sobretudo

os cemitérios, que comumente exibem as mesmas características ecléticas que presidem os espaços dos vivos. A partir do foco interdisciplinar, devido essencialmente à complexidade e características singulares do objeto, nosso referencial teórico se constrói com base na história cultural, na arte e suas diversas manifestações e na geografia urbana, não apenas pelo instrumento de pesquisa, mas também pelo referencial conceitual.

Uma categoria essencial para o desenvolvimento do trabalho é a de *cidade*, tomada como elemento articulador da leitura do Cemitério Municipal, visto que o entendemos como reflexo do espaço urbano. Faz-se oportuno observar que as transformações na contemporaneidade têm conduzido os historiadores a se debruçar sobre os estudos da memória, o que amplia as inquietações acerca do cotidiano e favorece a abordagem do espaço urbano, contribuindo, dessa forma, para redefinir e expandir as noções tradicionais do significado histórico e diversificar as possibilidades de análise sobre a cidade que, de pano de fundo, passou a ser percebida como objeto, questão e/ou problema (MATOS, 2002, p.32-33).

Atualmente, a problemática da cidade, demonstrando-se múltipla, passou a considerar as tensões urbanas vivenciadas de forma fragmentada e diversificada, relacionadas ao espaço e aos jogos de memória, pois as cidades passam a ser entendidas como territórios que condicionam múltiplas experiências.

As tensões urbanas surgem como representações do espaço – suporte de memórias contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas. Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis. (MATOS, 2002, p. 35)

Nessa perspectiva, também estamos a considerar o próprio Cemitério Municipal São José como “*suporte de memórias contrastadas*”, ponto de convergência entre disputas e tensões, impondo-se como um documento de múltiplas histórias à espera de serem decifradas. Os estudos de Barros (2007) e Lefebvre (2011) colaboram para o entendimento da necrópole atrelado ao conceito de urbano, o qual torna possível a

articulação entre os elementos materiais e simbólicos, em associação à categoria de “espaço”.

O espaço urbano, permeado por campos de lutas e representações, elementos materiais e simbólicos, é um produto social, resultado das ações acumuladas através do tempo, engendradas por indivíduos que produzem e, ao mesmo tempo, consomem espaço (CÔRREA, 2003, p. 11). Uma pequena porção deste, o espaço cemiterial também é percebido como reflexo e condição da sociedade, cuja dimensão social corresponde ao espaço urbano em grande escala, de forma temporal e justaposta. No processo de produção e consumo do espaço, seja o urbano, seja o cemiterial, a ação dos indivíduos é complexa, conduzindo a constantes transformações em sua dinâmica.

Tomamos o espaço enquanto elo mediador da transmissão cultural, contribuindo para transferir de uma geração para outra os saberes, crenças, atitudes sociais, ou seja, as próprias práticas identitárias, para o estabelecimento e reafirmação das relações sociais. A geografia humanista e cultural contribuiu para o entendimento do espaço enquanto “espaço vivido”, ao estar assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo. O cemitério, como o espaço urbano, campo de representações simbólicas, através dos múltiplos signos presentes neste espaço vivido, traduz tanto o projeto vital de toda sociedade, o de subsistência, de sobrevivência, quanto suas crenças e aspirações, o mais íntimo de suas práticas culturais (CORRÊA, 1995, p. 30-35).

Assim, estes estudos, exemplificados aqui nos escritos de Côrrea (1995 e 2003), nos auxiliam a identificar o espaço cemiterial enquanto experiência individual e coletiva, reflexivo da cidade na qual está inserido e portador das tensões e representações sociais inerentes à mesma. O conhecimento dessas representações oferece a compreensão de como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, as características do meio, as relações sociais e as práticas identitárias, elementos estes que serão selecionados e levados ao espaço cemiterial, para a individualização das sepulturas.

A representação deixa ver uma ausência, estabelecendo-se a diferença entre aquilo que representa, ou seja, o representante, e o que é representado. Ao mesmo tempo, a representação afirma uma presença daquilo que se expõe no lugar do outro.

Entre uma e outra função, viabiliza-se a construção de um sentido, sendo a tarefa do historiador atingir esta inteligibilidade, usando o conceito como um instrumento para interrogar o mundo, garantindo a sua inserção como categoria central para uma nova episteme para a história.(PESAVENTO, 1995, p. 291)

Para o aprofundamento do conceito de representação social e sua inteligibilidade, reportamo-nos à Moscovici (2007), Cardoso e Malerba (2000) e Minayo (2003). Nos últimos anos, este conceito tem constado com grande freqüência no campo da transdisciplinaridade, seu território por excelência. Possui raízes na sociologia, além de presença marcante na antropologia e na história das mentalidades, e ainda tem sido integrado criticamente à psicologia, contribuindo significativamente para a produção de saberes não fragmentários. Atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular.

Representação Social é um termo de cunho filosófico, que vem a significar a “*reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento*” (MINAYO, 2003, p. 89). Para Moscovici (2007, p. 40), todas as interações humanas pressupõe representações, fazem-se presentes enquanto parte estruturante do comportamento e da estrutura social. Originadas coletivamente, são compartilhadas por todos e reforçadas pela tradição, de forma a constituir a própria realidade social.

Assim, as representações sociais podem ser entendidas como reprodução, quando se fornece um “contorno” a determinadas idéias ou percepções, sendo assegurada uma vinculação social da mesma, coerente ao grupo no qual está inserida, além da atribuição de um valor funcional. Em outras palavras, faz-se com que todos os membros de um determinado grupo, que pode ser familiar, profissional ou étnico, por exemplo, recorram a um mesmo capital cognitivo, a representação social enquanto forma de conhecimento e apreensão do real (CARDOSO; MALERBA, 2000, p. 10). Ao assegurar este capital comum aos indivíduos do mesmo grupo, as representações facilitam a comunicação entre os mesmos, bem como a preservação dos caracteres identitários.

Através das imagens funerárias se estabelece a expressão do conteúdo simbólico, em geral facilmente assimiláveis pelo grande público, cujo uso objetiva a transmissão ou a expressão de valores culturais, conforme já afirmado. Segundo

Dalmáz (2000, p. 120), este processo de representação simbólica pode ser tomado como ato comunicativo, no qual a cultura e os padrões sociais são transmitidos por meio de símbolos, como objetos, letras, esculturas e outros. Procedimento representacional, a simbologia contribui, deste modo, para o estabelecimento das relações sociais e transmissões culturais.

O símbolo pertence à categoria dos signos ou sinais. Quando sinais constituem uma unidade com aquilo que significam, chamamo-los símbolos. Em sua etimologia original, o símbolo é um objeto cortado em dois, cujas partes reunidas permitem reconhecer-se a quem as possui. O símbolo é bipolar, conjugando o visível e o invisível, o presente e o distante, o idêntico e o distinto. Símbolo é um objeto, um gesto, um elemento, um movimento ou uma ação que vale não o que é em si, mas o que significa. (ZILLES, 1996, p.12)

Perscrutamos as representações por intermédio dos elementos simbólicos presentes no Cemitério Municipal São José, dentre os quais alegorias e traços arquitetônicos, buscando a compreensão da dinâmica social que lhes consente fundamento e alimenta as práticas identitárias, de modo que a categoria de representação é associada à “identidade” e à “memória”. Ressalta-se que a reafirmação identitária faz-se através do diálogo com o outro e atua seguindo um padrão de atos verbais e não verbais, conforme interage com códigos construídos e/ou impostos neste processo.

Compreendemos a identidade, a exemplo de Mendes (2002, p. 489-523), como ponto de ligação entre os nossos discursos e práticas e os processos que produzem a subjetividade e nos constroem enquanto sujeitos, objetivando apresentar uma concepção identitária múltipla, diversificada e narrativamente construída – é o que nos oferece o espaço cemiterial. O autor valoriza o invisível, o não-dito e o papel do outro, observando que as identidades são socialmente distribuídas, em constante manutenção, contextualização e interação social. Construídas no e pelo discurso, as identidades são originadas na necessidade de controle do espaço social e físico e definidas como negociações de sentido.

Na perspectiva dos textos e leituras, que possibilita a formulação de várias proposições que articulam de maneira nova os recortes sociais e as práticas culturais, não somente na área de História da Leitura, mas para a História Cultural, de maneira

geral, em “*O mundo como representação*”, Chartier (1991, p. 182-183) defende a relação entre as objetividades das estruturas e a subjetividade das representações. Isso exige considerar os esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção identitária como verdadeiras “instituições sociais”, incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões da própria organização social.

Buscamos compreender o processo representacional que se faz presente neste espaço vivido, o Cemitério Municipal São José, e que visa transformar o desconhecido em conhecido, constituindo estas familiaridades, ou seja, as identidades. Para tanto, reportamo-nos aos estudos de Chartier (1991), Cymbalista (2002), Sorio (2009), Grassi (2006) e Elias (2001 e 2009), os quais apresentam desde leituras de elementos artísticos funerários à dinâmica das representações e relações de identidade.

Diante de tais ponderações, a discussão então proposta foi estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “*A morte e os homens*”, diz respeito à construção da expressão simbólica da morte, ao entendermos que os rituais funerários, os cultos religiosos e as manifestações artísticas em diferentes culturas são múltiplos, aos quais são inerentes diversos sentidos assumidos pela questão da morte. De modo panorâmico, percorremos como a finitude foi sendo apropriada em diferentes culturas, passando pela Idade Média e a familiaridade para com a morte, até o lento processo de segregação dos mortos da cidade dos vivos. Concluímos apresentando a instauração dos novos espaços para sepultamentos, os cemitérios extramuros, e o processo de secularização, que transformaria intimamente as relações entre vivos e mortos.

No segundo capítulo, “*Cemitério Municipal São José: história em múltiplas vozes*” abordamos certos aspectos da história da cidade de Ponta Grossa e da fundação e desenvolvimento do Cemitério Municipal São José. Utilizamos, para tanto, a legislação municipal referente à matéria; algumas notícias publicadas pelos periódicos locais (Jornal Diário dos Campos e Diário da Manhã), bem como bibliografias regionais, objetivando perceber, desta forma, a multiplicidade de discursos ao se tratar da temática cemiterial, mais precisamente da referida necrópole.

Em “*Entre cal e taipa: construções de reminiscências materiais*”, terceiro capítulo desta dissertação, investigaremos os elementos materiais da necrópole, discutindo a inerência do espaço cemiterial ao contexto urbano, no qual o mesmo está inserido.

Essa reflexão se deu através da análise dos cartogramas desenvolvidos no decorrer da pesquisa, assim como gráficos e tabelas de apoio, apontando para a existência de áreas de concentração de particularidades no espaço cemiterial, como por exemplo, uso de materiais nobres, formato das construções, imagens funerárias alegóricas, dentre outros.

No quarto e último capítulo “*Para além do concreto: elementos simbólicos e representações de alteridade*”, ao conceber o cemitério como campo de convívio e embates de múltiplas tradições e possibilidades culturais, dedicamo-nos à discussão acerca da simbologia presente no Cemitério Municipal São José, que objetiva transmitir ou expressar os valores culturais, para o estabelecimento e reafirmação da representações de alteridade. Buscamos exemplificar esta simbologia através essencialmente da arquitetura, da escultura e de outros elementos decorativos e/ou celebrativos, como os epitáfios, sem a intenção de esgotar as possibilidades culturais presentes no espaço em questão.

Em resumo, os cemitérios são aqui pensados como “*espaços do vivido*”, que passam por um processo de simbolização, pois são nutridos de lembranças particulares e, ao mesmo tempo, coletivas e plurais. Deste modo, buscamos compartilhar a compreensão da relação entre os recursos materiais e simbólicos e a constituição das representações de *alteridade* que se têm estabelecido no Cemitério Municipal São José, atentando para as relações de significação e para a linguagem própria do espaço cemiterial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, Cultura, Memória – Múltiplas Interseções:** Uma interpretação acerca dos cemiterios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, tese de doutorado, 2007.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre:** múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930). Porto Alegre: PUCRS, dissertação de mestrado, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente.** Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____. **O homem diante da morte.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, 2v.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BAYARD, Jean Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários:** Morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BELLATO, Rosenev; CARVALHO, Emilia Campos de. **O jogo existencial e a ritualização da morte.** Revista Latino-Americana de Enfermagem. Ribeirão Preto, vol.13, nº1, 2005.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul:** arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930):** Ofícios de Marmoraristas Italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

BROWN, Peter. A Morte. In: **História da vida privada 1.** Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). **Representações:** Contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

CARNEIRO, Maristela. **Sistemas de Informações Geográficas: Ferramentas Tecnológicas para a Pesquisa Cemiterial.** Anais do Encuentro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales (12, 2011, Salvador/BA) e Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (5, 2011, Salvador/BA). Goiânia: FAV/UFG; FUNAPE, 2011.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Cemitério Municipal São Francisco de Paula.** Monumento e Documento. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino**: pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930). Dissertação de Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte, UFRGS, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. O Compadre da Morte. In: **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

_____. O Morto Brasileiro. In: **Tradição, Ciência do Povo**. Pesquisas na Cultura Popular do Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CASTRO, Ina Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

CHAMMA, Guísela V. Frey. **Ponta Grossa**: o povo, a cidade e o poder. Ponta Grossa: SMEC, 1988.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **O Mundo como Representação**. In: Revista Estudos Avançados, São Paulo, nº 11, 1991.

CHAVES, Niltonci Batista. **A cidade civilizada**: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos, na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário dos Símbolos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

CHIAVENATO, Julio José. **A morte**: uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

Congresso Latino-Americano de Ciências Sociais e Humanidades: Imagens da Morte, 4, 2010, Niterói/RJ. **Caderno de Programação e Resumos do IV Congresso Latino-Americano de Ciências Sociais e Humanidades: Imagens da Morte**. Universo: Niterói, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do espaço**: alguns temas. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, vol.1, nº1, 1995.

_____. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

CYMBALISTA, Renato. **Cidades dos Vivos**. Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2002.

_____. **Sangue, Ossos e Terras**: os mortos e a ocupação do território na América Portuguesa. São Paulo: Alameda, 2011.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua**. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Cinqüentenário 1926- 1976**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1976.

DULLIUS, Fábio; WAGNER, Gustavo Peretti. A Maçonaria na arte funerária do Rio Grande do Sul. In: **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERNANDES, Josué Correa. **Das colinas do Pitangui**. Ponta Grossa: Planeta, 2003.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **Isolamento e sociabilidade no luto: a formação de redes sociais no ambiente cemiterial**. Revista Hispana Para El Analisis de Redes Sociales. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/webredes/arsrosario/01-Freire.pdf> ; acesso em 10.08.2010.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **A visão da morte ao longo do tempo**. Revista Medicina – Simpósio Morte: Valores e Dimensões. Ribeirão Preto, vol. 38, nº1, 2005.

GRASSI, C. **Um olhar... A arte no silêncio**. Curitiba: C. Grassi, 2006.

HERBERTS, Ana Lucia; CASTRO, Elisiana Trilha. **Cemitérios no caminho – O Patrimônio Funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages**. Blumenau: Nova Letra. 2011.

KNEBEL, Rosemeri Leane. Belle époque ponta-grossense: imigração, ferrovia, sétima arte e música. In: **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Retratos da Morte: A fotografia mortuária na cidade de João Pessoa, PB**. Revista Conceitos. João Pessoa, vol. 4, nº2, 2001.

LACET, Juliana Lemos. **Os rituais de morte nas irmandades de escravos e libertos**. Vila Rica, século XVIII. Mariana: UFOP, Monografia de Conclusão de Curso, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Daniel Teixeira Meirelles. Alegorias nos Cemitérios do Rio Grande do Sul. In: **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. V. 2 p. 87-150 jan./dez. 1994.

MACHADO, Roberto; LOUREIRO, Ângela; LUZ, Rogério; MURICY, Kátia. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: Edusc, 2002.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. Brasília: Ed. de Brasília, 1970.

MENDES, José Manuel de Oliveira. O desafio das identidades. In: **A globalização em ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

MENEGHEL, Stela N.; ABBEG, Cláides; BASTOS, Ronaldo. **Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos: um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer**. Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, vol.10, nº2, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVARES, Isaura Wiencke. **La presencia en piedra del Art Déco funerario, 1925-1940**. Tese de Doutorado em História a Arte, Centro de Cultura Casa Lamm, 2009.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo, 1850-1860**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

PAULA, José Carlos Milléo de. Poder Local em Ponta Grossa: algumas considerações sobre sua evolução. In: **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense, 1829-1889**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.

PIACESKI, Tiago R.; BELLOMO, Harry Rodrigues. **Pesquisa cemiterial no Estado de Goiás**. Porto Alegre: s.n., 2006.

PINTO, Elisabete Alves; GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. **Ponta Grossa – um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas, 1983.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. Corpo, Saúde e Doenças. In: **História do Corpo: Da Renascença às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Plano Diretor Participativo do Município de Ponta Grossa**. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/planodiretor>. Ponta Grossa, 2006.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da Morte, Necrópole da Vida: Um Estudo Geográfico do Cemitério de Vila Formosa**. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

_____. **O céu aberto na terra: Uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana**. São Paulo: E. C. M. Rezende, 2006.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica**. São Paulo: Alameda, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações funebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

_____. **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

_____. **Campo Santo? Cemitério público? Cemitério secularizado? A natureza dos cemitérios oitocentistas no Brasil como uma questão**. Comunicação oral apresentada no Encuentro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales (12, 2011, Salvador/BA) e Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (5, 2011, Salvador/BA), conforme Caderno de Programação e Resumos. Goiânia: FAV/UFG; FUNAPE, 2011.

_____. FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Estrutura interna e dinâmica social na cidade de Ponta Grossa. In: **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SCHIMANSKI, Elizabete Fernanda. **Conservadorismo e Tradição em Ponta Grossa: representação social, mito ou realidade na política local**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, UEPG, 2007.

SORIO, Livia. **Cemitérios da província: história e arte cemiterial em Porto Alegre**. Porto Alegre: Edição do Autor, 2009.

SOUZA, Fábio William de. **Fronteiras póstumas: a morte e as distinções sociais no Cemitério Santo Antônio em Campo Grande**. Dissertação de Mestrado em História, UFGDO, 2010.

STEYER, Fábio Augusto. Representações e Manifestações Antropológicas da Morte em Alguns Cemitérios do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues. (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade, Ideologia**. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, v. 1, p. 67-118.

VALDÉS, Alma Victoria. **Itinerario de los muertos em el siglo XIX mexicano**. Saltillo, México: Plaza y Valdés, 2009.

VALLADARES, Clarival. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Tombo I. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VERNANT, Jean Pierre. **L'Individu, La Mort, L'Amour**. Soi-Même et L'Autre en Grèce Ancienne. Paris: Gallimard, 1989.

VIEIRA, Luiz Alberto Sales. **Entre a Vida e a Morte: Interesses Populares, Representações Cristãs da Morte e Medicina Social em Minas no século XIX**. Ouro Preto: UFOP, Monografia de Conclusão de Curso, 2002.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História**. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

YAZIGI, Walid. **A técnica de edificar**. São Paulo: SindusCon, 2009.

ZILLES, Urbano. **A significação dos símbolos cristãos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.